

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho

BEN ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARKOS BASTO BEN-ROSH
Avenida da Boavista, 854—Porto
(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA EMPRESA DIÁRIO DO PORTO, L. J. A.
Rua de S. Bento da Victoria, 10
PORTO

A NOSSA MISSÃO

por NORBERTO A. MORÊNO

O mês de Abril recorda-nos que dez anos são passados desde que «O Facho» acendeu, propondo-se apontar o caminho do Bem e do Progresso, quer moral quer intelectual, e iluminar aqueles que tivessem coragem para enveredar por êle.

Sempre modesto porque modestos somos nós e modestos são os nossos recursos. Só não são modestos os nossos sonhos, o nosso ideal. Mas não são sonhos egoístas. Não; são sonhos humanitários:

Queremos *iluminar* e só conseguindo-o poderemos gosar o bem estar e a tranquilidade que é privativa dos que cumpriram o seu dever.

Temo-nos dedicado à espinhosa tarefa de ressuscitar o judaísmo queimado pela inquisição, em particular, e à defesa desse outro judaísmo que não passou por êstes horrores, em geral.

Temo-nos esforçado também para construir um dique capaz de resistir à horrível onda materialista que ameaça submergir tudo e todos, crentes de que o materialismo afasta os nossos semelhantes do caminho do progresso e da luz, constituindo para a civilização uma marcha do caranguejo. Sonhamos com uma civilização elevada representada por um edificio alicerçado pela Paz, pelo Direito e pelo Amor, abobadado por uma cúpula filosófico-religiosa e impregnado duma moral pura e sã.

Queremos proclamar bem alto o brilhantismo das nossas tradições, prestar as nossas honras e homenagens aos valores que ilustram as páginas da nossa história e mostrar aos novos a sublimidade dos

sous exemplos. É preciso que êles se orgulhem dos seus, é preciso que tenham brio e sejam também nobres. É preciso que Israel continue de cabeça levantada, erguendo, ainda quando naufragado, a sua epopeia—Biblia Sagrada—, salvando-a das destruidoras tempestades sociais, com o mesmo amor com que Camões salvou os Lusíadas das ondas da imensidão do oceano. É preciso que os mártires da inquisição esqueçam as barbaridades dos inquisidores e as chamas das fogueiras, e que se instruem de maneira a poder caminhar conscienciosa e orgulhosamente ao lado dos restantes representantes de Israel. É preciso que o Israel de tôdas as nações continue, lei mosaica em punho, verdade na bôca, fé no coração, ideal na alma, nessa missão através os mundos em busca da paz e da felicidade universal e eterna. É preciso, por último, que *haja luz* e que essa luz brilhe cada vez mais intensamente, iluminando Israel inteiro, e, se possível fôr, o mundo.

Ha-Lapid procurará ser um dos arautos dessa missão, auxiliando a formação de barreiras em torno da Lei, a-fim-de preservar das intempéries e dos ataques dos seus inimigos.

Eis, pois, os nossos sonhos, e eis a pesada responsabilidade com que fazemos arcar *Ha-Lapid*.

Ajudai, portanto, a nossa obra a-fim-de que os nossos esforços conjugados dêem «mundos novos aos mundos e ampliam «O Facho».

Historia Sagrada Infantil

por DAVID MORÉNO

(Continuação do n.º 77)

CAPITULO XXXVII

Balaam e a sua burra

Balaam levantou-se cedo e, aparelhada a burra, partiu com os príncipes de Moab. Porém, Deus, não gostou daquela pressa e mandou um anjo que, num caminho estreito, de espada em punho, lhe impediu a passagem.

A burra, assustada por esta aparição, estacou encostando-se a uma parede do lado e magoando neste movimento o pé do seu dono. Balaam, que não vira o anjo picou-a, incitando-a a continuar o caminho, mas ela recusou-se a andar. Picou-a novamente com mais fôrça.

A burra não se mecheu. Deus então fê-la falar e ela exclamou: «Que te fiz eu? Não sou a burra que tens montado sempre? Já te liz alguma partida semelhante a esta?»

O eterno abriu os olhos a Balaam, que só então notou a presença do anjo, em pé, sôbre o caminho, sustentando a espada nua.

O anjo diz-lhe:—«Porque bateste na burra? Fui eu que me coloquei diante porque vais empreender com muita pressa uma viagem que me é odiosa.»

Balaam respondeu: «Eu pequei, e se esta viagem te desagrada, voltarei atrás» Mas o anjo tornou:—«Continua o caminho; sómente não dirás senão aquilo que eu te ordenar.»

Balaq tendo conhecimento da chegada de Balaam foi ao seu encontro perguntando-lhe:—«Porque recusaste vir primeiramente? julgas que não estou em condições de te prestar as merecidas honras?»

Ele respondeu-lhe:—«Bem vêes que aqui estou; contudo não depende de mim amaldiçoar ou abençoar o povo. Apenas poderei dizer o que Deus me inspirar.»

CAPITULO XXXIII

A benção de Balaam

Mal despertou o dia seguinte Balaq conduziu Balaam a um monte donde se avistava

o acampamento de Israel. Ai construíram sete altares em honra de Baal nos quais sacrificaram sete bois e sete cordeiros. Depois disto, deante de todos, Balaam inspirado por Deus, pronunciou estas palavras:

«Faz-me vir de Aram, Balaq, rei de Moab;
«Chama-me dos montes do Oriente...
«Vem amaldiçoar em meu nome Jacob!
«Sim, vem expulsar Israel!—
«Como amaldiçoarei eu o que Deus não amaldiçoou?
«Como detestarei eu o que Deus não detesta?
«Sim, vejo-o do cimo dos rochedos,
«É do alto das colinas o descortino.
«Este povo vive solitário,
«Não se confundirá nunca com as nações.
«Quem pode contar a descendencia de Jacob,
«Enumerar a multidão de Israel?
«Possa eu morrer como morrem êstes justos,
«E possa o meu fim assemelhar-se ao seu!»

Balaq diz a Balaam:—«Que foi que tu fizeste? Mandei-te vir para amaldiçoar os meus inimigos e, ao contrário do que eu queria, vens abençoá-los! Vem comigo a outro lugar donde apenas possas ver uma parte do povo e de lá o amaldiçoarás.»

Conduziu-o ao cimo dum outro monte. Uma vez chegados levantaram sete altares e fizeram outros tantos sacrifícios, como da primeira vez.

Posto isto Balaam não pode deixar de continuar celebrando a grandeza de Israel:

«Sim, recebi ordem de abençoar;
«Ele abençoou, eu não posso desdize-lo.
«A iniquidade não pode atingir Jacob,
«Nem a desgraça espreitar Israel;
«O Eterno, seu Deus, está com êle,
«E a amizade dum rei o protege.»

Balaq atalhou:—«Não o amaldiçoas, mas ao menos não o abençoarás». E conduziu-o ao cimo dum terceiro monte. De lá, Balaam avistou Israel que estava acampado por tribus e, tocado pelo espírito divino exclamou:

«Como as tuas tendas são belas, ó Jacob;
«As tuas habitações, ó Israel
«Quem te abençoar será abençoado
«Quem te amaldiçoar será amaldiçoado.»

Balaq encolerizado contra Balaam gritou: — «Regressa ao teu país já que em vez de amaldiçoar esse povo o abençoaste. Prometti-te honras e recompensas mas o teu Deus ludlu-te».

Balaam, respondeu — «Eu preveni-te de que não podia dizer nem fazer senão aquilo que Deus me inspirasse.»

O rei de Moab inflamado pela cólera mandou embora Balaam que regressou ao seu país.

Mais tarde numa guerra entre Israelitas e Madiamitas Balaam perdia a vida.

(Continúa)

VIDA COMUNAL

= PORTO =

Visitantes—Visitaram a nossa Sinagoga admirando os seus ornamentos a E.ma Sr.a Madame Fernand Halphen, cavaleiro da Legião d'Honra, Vice presidente do Foyer Français, Delegada cantonal da cidade de Paris (IV arrondissement), Vice-presidente do comité das Damas Inspectoras das Escolas Consistoriais de Paris, membro do Comité Central da Alliance Israelite Universelle, e membro benemérito da Comunidade Israelita do Porto.

Vinha a ilustre judia acompanhada pela nossa correligionária Madame Culman, de Lisboa.

Também visitou demoradamente a Catedral Judaica do Norte de Portugal o snr. Edwin Edwards, de Londres, digno membro benemérito da Comunidade Israelita do Porto.

Todos os visitantes examinaram detidamente a magnifica construção e teceram elogios.

= LISBOA =

Falecimento — Chamou Deus à sua presença a Snr.^a D. Miryam Castel, dedicada esposa do Rabbi Abraham Castel, chefe espiritual da Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) de Lisboa. A família entulada os nossos sentidos pesames.

Kahal Kadosh Mekor Haïm

(Comunidade Israelita do Pôrto)

Direcção Honorária da Congregação

Presidente Honorário Vitalicio—Sir Elly Kadoorie, de Londres.

Vice-Presidentes Honorários—Dr. Moses Bensabat Anizalak, de Lisboa e Paul Goodman, de Londres.

Membros Beneméritos da Congregação

(Lista cronológica pela sua proclamação)

- 1—Lucien Wolf, de Londres
- 2—Paul Goodman, de Londres
- 3—Barão Edmoud de Rothschild, de Paris
- 4—Babbi-mor Israel Levy de França, de Paris
- 5—Babbi-mor Dr. David de Sola Pool, de New York
- 6—M.^{me} Lily Jean-Javal, de Paris
- 7—M.^{me} Fernand Halphen, de Paris
- 8—Barão Edouard de Rothschild, de Paris
- 9—Dr. Cecil Roth, de Londres
- 10—Wilfrid Samuel, de Londres
- 11—Edwin Edwards, de Londres
- 12—Artur Carlos de Barros Basto, do Pôrto
- 13—Sir Elly Kadoorie, de Londres
- 14—Lawrence Kadoorie, esquire de Londres
- 15—Horace Kadoorie, de Londres
- 16—Dr. Moses Bensabat Aruzalak, de Lisboa
- 17—Marcel Goldschmidt, de Lyon
- 18—Comendador Ginseppe Pardo Roques, de Pisa
- 19—Samuel Van den Berg, de Amsterdam.

A Biblia... em hebreu

Do «Univers Israelite» de Paris.

«Um dia numa livraria de Tel-Aviv (Palestina), entra um judeu alemão, um refugiado e diz ao livreiro:—Perdão, Senhor, tenho um filho que acaba de fazer a sua bar-miçvah (1.^a comunhão israelita) e eu queria dar-lhe um presente. Diga-me se faz favor, existirá a Biblia também em hebreu?»

A noção de alma entre os Israelitas

por NORBERTO A. MORÊNO

O problema da alma é tão delicado, tão subtil, tão transcendente e tão filosófico que apresentá-lo representa apresentar tema para discussões capzes de se prolongar indefinidamente sem nunca se chegar a um perfeito acôrdo, visto que obriga a embrenhar em labirintos donde difficilmente se sai, donde a nossa imperfeição e a nossa mesquinhez se revela e donde, por isso, nunca se faz uma luz sufficientemente intensa para iluminar claramente a nossa razão ou o nosso intellecto.

Se hoje cometo a ousadia de o apresentar é porque a afirmação de um escritor de incontestável valor, tanto no campo das letras como no das ciências, a isso me obriga. Trata-se de A. Maury que, no seu livro «La Terre et l'Homme», pag. 595, afirma: «Os hebreus não acreditavam na alma pessoal nem na sua immortalidade». Gabriel Delanne aproveita a afirmação acrescentando em «A Alma é Immortal»: «Era necessário que esse povo fôsse para o cativo de Babilónia, para que, entre os seus vencedores, se compenetrasse da idea da immortalidade, assim como da verdadeira composição do homem.»

Ora, estas palavras pronunciadas por dois intellectuais, levam quem as ler e não conheça bem a mentalidade do povo Israelita nem se resolva a estudá-la conscienciosamente, a concluir que se trata dum povo essencialmente materialista e, por isso, incapaz de compreender os elevados problemas do espirito.

Lamentável engano e infeliz ideal

Representa precisamente o contrário da realidade. A vida e a religião d'este povo são, por si só, provas claras e evidentes de que a afirmação feita é absolutamente falsa e de que, pelo contrário, é um povo altamente idealista, tão idealista que os povos d'ele contemporâneos jámais o compreenderam, jámais puderam conceber os elevados planos em que a sua mentalidade pairava, bem como os seus sonhos de paz, amor e fraternidade universais.

Para não me alongar em comentários a essa afirmação que parece incrível tenha

sido feita por intellectuais, direi que os representantes desse povo provam claramente, ainda hoje, que se preocuparam sempre muito mais com os problemas do espirito do que com os da matéria. E, assim temos de confessar que é um povo caracteristicamente intellectual e que foi o primeiro a adquirir uma civilização digna de ser admirada. O seu triunfo e a sua existência que remonta à cerca de 60 séculos, deve-a não ao seu número nem à força do seu braço, mas sim ao seu espirito. O seu escudo foi sempre a Bíblia Sagrada, produto vivo da sua mentalidade, livro simplesmente formidável onde foram beber todas as modernas civilizações.

Posto isto, que julgo ser o suficiente para mostrar o grave erro de Maury e Delanne, vou embrenhar-me no complicado labirinto a que comeci por me referir, tentando explicar com a maior nitidez e simplicidade possíveis, a noção que esse povo tinha do *leolam habah* (mundo futuro) ou *post-mortem* bem como da divisão da personalidade humana.

Verdade é que esse povo não é dos que apresenta os problemas com o estúpido e severo aspecto do «crês ou morres» e que, pelo contrário, respeita as opiniões de todas as creaturas autorizadas, regista-as e concede aos seus representantes plena liberdade de, entre elas, escolher as que mais em conformidade estiverem com a sua maneira de pensar. Por essa razão, é natural que entre elles se encontre quem discorde da minha opinião, mas, estou bem certo, scrá apenas no respeitante a detalhes, que o esbôço será exacto.

Creado o homem, Deus insufla-lhe uma alma que representa nada mais nada menos que uma centelha do Seu Puro, Imaterial e sumamente Perfeito Sér. Essa centelha possui todos os attributos da sua origem, embora muitissimo mais limitados. E' susceptivel de se deixar influenciar pela matéria e por ela ser manchada ou maculada, bem como, depois de chegar a este ponto, de se purificar novamente, até que, após um ciclo completo de evo-

luções, volte a unir-se ao *Elohim* (Deus dos deuses).

Isto explica-se duma maneira mais ou menos compreensível pela teoria da *reencarnação e evolução* das almas:

O mundo terreno representa, afinal, o lugar de *provação*, castigo ou preparação para a futura e eterna vida. As manchas ou máculas que embaciam a alma são devidas ao egoísmo, ao ódio, à inveja e a todos os outros defeitos, que não passam de pestíferos çancros.

O *Elohim*, pelo dom de Justiça Suprema, põe diante da personalidade humana dois caminhos divergentes: o do Bem ou da paz eterna e o do mal ou da provação; aconselha-lhe a escolha do primeiro, dando-lhe, contudo, a liberdade de a fazer ou não.

O paraíso terrestre e o primeiro par representam, duma maneira simbólica, esta teoria. Esse Eden está povoado de árvores cheias de belos frutos. Deus autoriza a comer de todos (caminho do Bem) excepto dos da célebre árvore que representa o Mal.

O ditoso par prefere enveredar pelo mau caminho e «Ele», como Supremo Juiz, dá-lhe o respectivo castigo.

Assim o que se passa com a alma.

Depois de um determinado tempo de vida terrena, Deus toma o corpo e lança-o aos bichos. Procede em seguida ao julgamento das almas. No tribunal celeste as manchas que a embaciam são outras tantas testemunhas de acusação. O Supremo Juiz indica-lhas e mostra-lhes a necessidade de as apagar. O que faz para isso? Cozê-las em caldeirões de água a ferver ou lançá-las às fogueiras? Não. Esse dantesco inferno, pintado a trágicas côres por algumas religiões, não existe. «Ele» procede duma maneira mais simples e menos bárbara: manda-as novamente à terra, introdu-las num novo corpo material, isto é, fá-las reencarnar e deixa-as continuar a sua evolução. Essas almas já têm uma noção mais ou menos completa do que devem ou não fazer. Tudo depende da coragem e, digamos, da fôrça devontade que tiverem para se vencer a si próprias enveredando pelo bom caminho. Cada vício vencido é uma mancha que na alma se apaga para sempre, o que garante uma marcha gradual para a perfeição, banindo ao mesmo tempo a hipótese duma reencarnação perpétua.

Assim se explica a extraordinária noção que por vezes temos de que já vimos um certo rosto ou ouvimos uma certa voz e de que já fizemos ou pensamos uma determinada coisa. Esta noção umas vezes apaga-se rapidamente sem que, por mais que pensemos, por mais que investiguemos dentro em nós, nada consigamos ver ou compreender; outras vezes averiguamos que aquêlo rosto ou aquela idea nunca tinham sido do nosso conhecimento. A propósito pode vir a lembrança dos filosóficos fenómenos do sub-consciente, mas diferem muito porque se não trata de coisas apenas apagadas na nossa memória momentânea, mas sim de coisas que nos são inteiramente desconhecidas. Poder-se-á explicar o caso dizendo que o rosto que tivemos a impressão de ver ou a voz que tivemos a impressão de ouvir nos foram talvez familiares n'alguma outra vida por que tivéssemos passado. Pode até ser que se trate de duas almas noutra encarnação ligadas por laços fraternais. Esta última hipótese explicaria ainda, p. ex., a atracção espiritual que por vezes sentimos por uma creatura que vemos pela primeira vez e à qual nem sequer ouvimos a voz. Porém, como os nossos cérebros são diferentes na nova forma, não há nitidez de compreensão.

Mas... uma existência passou mais, composta por dias meses ou anos. O novo corpo vai dar vida a outras vidas, associando as suas vitaminas a outras vitaminas e a alma vai novamente ao celeste julgamento. Está mais cristalina? Tem as mesmas manchas? Lá se verá. As que tiver trá-la-ão outra vez à carne, viverá uma nova vida e, assim, evoluirá até atingir a suprema perfeição que lhe dará direito à paz e à felicidade eternas.

Chegados a êste ponto, uma dúvida poderá surgir:—Será possível que haja creaturas tão perfeitas que possuam uma alma em estado de pureza tal que não necessite voltar à carne?

Mas se refletirmos um pouco esta dúvida desvanecer-se-á:

Como sabemos Deus, é um espírito infinito, «está no céu, na terra e em toda a parte». Sendo assim ainda que a alma não esteja completissimamente pura, isto é, ainda que haja alguma mancha, isso não deverá servir de obstáculo à comu-

nhão com o Sêr Supremo, porque essa mancha será de nulcs efeitos no infinito espírito divino. Equivale a lançar uma microscópica gota de água suja no imenso oceano.

Certo é também que ainda que a alma contivesse muitas manchas, não seria impossível a Deus agrega-la a si porque $\infty + 0,000.001 = \infty$ assim como $\infty + 1 = \infty$ (infinito mais uma milionésima é igual a infinito, assim como infinito mais uma unidade é igual a infinito). Porém o seu dom de Suprema justiça impede-O de assim proceder. É necessário que, por si própria, a alma adquira a perfeição máxima.

Eis, pois, aqui uma idea nobre e de um grande alcance. Ela nos mostra que o ódio, o egoísmo, a inveja e os demais defeitos nos afastam da suprema perfeição e, pelo contrário, a resignação, a humildade, a paz, a justiça, o amor e as demais qualidades nos aproximam dela. Sendo assim porque é que voluntariamente, nos havemos de afastar dessa paz e dessa perfeição para nos expormos ao contacto da podridão e da matéria?

As teorias enunciadas vão-me permitir ampliar a lei do grande químico Lavoisier. Ele dizia: «Na natureza nada se perde, nada se cria; tudo se transforma». Eu direi: «No *Universo inteiro* também nada se perde nem nada se cria; tudo se transforma (evolue).»

Aqui temos dois ciclos completos respectivamente da vida material e da vida espiritual.

Exemplifiquemos, embora desnecessariamente, a evolução da matéria: Suponhamos, p. ex., o nosso corpo material. Abandonado pela alma decompõe-se. Vai alimentar milhares de sêres, animais e vegetais. Estes, por sua vez, vão, possivelmente, ser ingeridos por novos corpos materiais humanos e despontarão em crianças recém-nascidas. Estas crescerão e viverão, decompondo-se novamente mais tarde, sendo oferecidas a outros animais e a outras plantas. E... assim durante tôda a eternidade.

A evolução do espírito é análoga. Começa, como já disse, por uma centelha divina que é insuflada no corpo. Em seguida a evolução *descendente* (a alma sendo manchada) e *ascendente* (purificação dessas manchas). Por último o seu regresso à

comunhão com o Sêr Supremo. E... também, assim durante tôda a eternidade.

As ideas que acabo de expor estão sumariamente condensadas na seguinte passagem do *Zohar* (Livro do Explendor) III, 278.^a: «A alma purificada voltará a Deus como a ave volta ao seu ninho. Neste ninho divino, que não é outra coisa senão a verdade absoluta, a alma encontrará tôda a sua felicidade. Nela mergulha até tomar consciência da sua individualidade; ela não é mais que um ramo da grande árvore. A real princeza reentrará magestosamente na côrte do rei seu pai.»

Dir-se-ia que há uma generalização de ciclos eternos.

O que se passa com a nossa alma e com o nosso corpo em conjunto, passa-se ainda com cada célula dêste último, como provam as modernas descobertas da microcinematografia. Dentro de cada célula, que até agora se julgava ser o mais simples dos organismos dos sêres vivos, travam-se, afinal, combates formidáveis entre micróbios e fagocitos. E essas ínfimas células normais «desenvolvem-se em perfeita harmonia: nascem, *evoluem*, reproduzem-se e morrem, substituindo-se continuamente, enquanto o corpo vive.» (1)

Sempre e em tudo a lei da evolução.

Vimos três ciclos separados respectivamente por distâncias quási infinitas. Mas, estou certo que, à medida que, a ciência fôr progredindo nos irá revelando a existência de muitos mais, constituindo todos por sua vez um ciclo único sãbiamente organizado e dirigido que representará um hino de louvor ao Eterno, e admiração à sublime obra da Creação.

Fica explicada, o mais claramente que me foi possível, a concepção da alma segundo a religião Israelita em geral e segundo a minha opinião em particular.

Resta-me apresentar a divisão da personalidade humana. Vejamos, pois, essa divisão em síntese e segundo a escala ascendente: a) *Corpo adâmico ou material*. b) *Nephesh*, termo hebraico de que se não pode fazer uma versão literal e que sensivelmente designa a parte conhecida com o nome de per-espírito ou corpo astral:

(1) Inteligência, n.º 27, pág. 87: «A microcinematografia».

invólucro do espírito e intermediário entre este e a matéria. c) *Ruah*, igualmente termo hebraico, que corresponde ao espírito ou substância inteligente. d) *Neshamah*, termo ainda hebraico designativo do espírito *puro* ou essência luminosa.

Para tornar mais clara a distinção, seja-me permitida a seguinte comparação, mui grosseira embora:

O *corpo* é lodo. *Nephesh* é água de nascentes (contém já sais dissolvidos). *Ruah* é água das chuvas (já mais pura que a anterior porque não contém sais dissolvidos. Note-se que faço abstração dos micróbios, poeiras, etc. que na sua queda arraste). Finalmente *Neshamah* será água quimicamente pura, isto é, H₂O autêntica.

O que deixo dito, e que, em parte parece ser demonstrado experimentalmente pelos psiquistas, indicar-nos-ia quando bem compreendido, bem interpretado e devidamente aplicado, o caminho mais curto para uma brilhante civilização e para uma felicidade universal e eterna.

Rabbi Dr. Henrique Pereira Mendes

No dia 10 de Abril completou este Rabbi 85 anos de idade, que é um historiador distinto e o decano da Comunidade israelita portuguesa de Nova-York. Neste dia o venerando Rabbi pronunciou um notável sermão na Sinagoga Shearith Israel de Nova-York, catedral judaica do rito português na grande capital Americana. O Rabbi Pereira Mendes foi guia espiritual da Comunidade Judaica portuguesa durante 60 anos, da qual é hoje Rabbi Emerito (aposentado). Esta congregação israelita portuguesa foi fundada em 1655 e é a mais antiga das Comunidades Judaicas do Norte América, dirigida hoje espiritualmente pelo nosso bom amigo Rabbi Dr. David de Sola Pool, Rabbi-mor dos judeus do rito português dos Estados Unidos da América do Norte.

**Visado pela Comissão
de Censura**

O TALMUD

Continuação do n.º 75

II—A MISHNAH

A compilação dos ensinamentos respeitantes à *Torah* judaica constitue uma outra parte do Talmud que se designa com o nome de Michnah. Este termo deriva duma raíz *chana* «repetir», e refere-se ao ensino oral transmitido por meio de repetições.

É precisamente o contrário de *mikra* «o texto (da Escritura) para ler». Deve-se a Juda, filho dum famoso doutor, Simeon b. Gamaliel II, essa grande obra.

Está escrita num hebreu indígena da época, que se destaca do hebreu bíblico pela observação menos restrita das regras gramaticais, possuindo ainda infiltrados muitos vocábulos gregos e latinos. Distingue-se sobre tudo pela rara elegância das expressões.

A-fim-de não alongarmos demasiado este estudo diremos apenas que a Michnah está dividida em seis partes os *sedarim* (ordenações), compreendendo cada uma delas um certo número de *Massichtot* (tratados), no total sessenta e três. Cada tratado divide-se em capítulos subdivididos por sua vez em parágrafos.

Aos eruditos curiosos que melhor desejem conhecer este assunto recomendamos a leitura de «Le Talmud» por A. Cohen (exposição sintética do Talmud e dos ensinamentos dos Rabbis sobre a Ética, a Religião, os Costumes e a Jurisprudência). Edição da casa Payot, Paris.

Tradução e adaptação de:

Norberto A. Morêno

Terra de Israel

— Segundo informes oficiais, a população total da Palestina elevava-se no fim de 1936, a 1.300.000 habitantes, sendo 384.055 judeus, 796.175 moçulmanos, 108.513 cristãos e 11.257 de outras confissões.

Neste número não estão compreendidas as forças militares e os nomadas.

— O governo militar da Palestina resolveu criar unidades militares separadas de judeus e árabes comandadas por oficiais britânicos.

Comemoração do aniversário de Gil Vicente

De uma judia marana de Lisboa, gentil leitora de «Ha-Lapid», recebemos uma carta contendo o alvitre de arquivar no nosso jornal algumas palavras sobre Gil Vicente, artista imortal que se pode incluir no grupo dos nossos amigos.

Agradecemos a lembrança. Contudo, por ora, limitar-nos-hemos a extrair da referida carta as linhas que se seguem:

«Comemora-se este ano o quarto centenário da morte de Gil Vicente.

Nós, maranos, devemos por gratidão, prestar homenagem ao artista egrégio que um dia se comoveu com as nossas desditas.

Corria o ano de 1531 quando um violento terramoto levou a assolação e a dôr às terras do nosso Portugal pertencentes à factura do Tejo.

Poderemos nós hoje, julgar do terror imenso que se apoderou da mísera plebe do século XVI?

Em Santarem mal nos foi!

Os padres em vez de tranquilizarem a gente rude aumentaram a perturbação assaando aos pobres maranos, nossos antepassados, as culpas da catástrofe...

Não é preciso narrar o que se seguiu.

Os desventurados cristãos-novos foram constrangidos a abandonar os lares indo procurar refúgio nas escondidas lapas dos montes vizinhos.

Foi então que Gil Vicente nos acudiu em transe tão doloroso. Reunindo os padres no adro da igreja, verberou-lhes o procedimento exhortando-os a regressar aos púlpitos e reparar o mal das suas danosas insídias (Vidé Carta que Gil Vicente mandou a El-Rei D. João III, estando S. A. em Palmela, sobre o tremor de terra que foi a 26 de Janeiro de 1531).

«Concruo (dizia G. V.) virtuosos padres, sob vossa emenda, que não é de prudência dizerem-se tais cousas publicamente, nem menos serviço de Deus; porque prègar não ha-de ser praguejar.»

«Porque à primeira prègação (escrevia G. V. a El-Rei) os cristãos novos desaparecerão e andávão morrendo de temor da gente, e eu fiz esta diligência e logo ao Sábado seguinte segurião todolos piègadores esta minha lenção.»

Pelas mãos de Gil Vicente, superior talento que encarnou nessa hora a bondade

compassiva da Alma Portuguesa, veio a nossos avós de quinhentos um pouco de abençoado socego.»

Hannah Vaz de Castro

Dos 4 cantos da Terra

FRANÇA—No próximo mês de Setembro será celebrado o primeiro centenário do Templo israelita do rito português em Baiona, cuja primeira pedra foi colocada a 25 de Maio de 1836. Na pedra fundamental está conservada uma medalha com a effigie do Rei Luís Filipe, bem como os nomes dos membros da comissão de construção do Templo.

SUECIA—O sábio David Katz, refugiado judeu d'Alemanha, foi nomeado professor de psicologia na Universidade de Stocolmo.

ROMA—No dia 19 de Fevereiro realizou-se a instalação solene do Rabbi Dr. David Prato (duma familia originária de Portugal) no cargo de Rabbi-mor de Itália, em presença de numerosa assistência. O governo italiano, o governador militar de Roma e o partido fascista fizeram-se representar na cerimonia, à qual assistiam delegados de todas as comunidades israelitas de Itália.

—O Rei Vitor Manuel recebeu em audiência privada o Rabbi-mor de Itália e o presidente da comunidade israelita de Roma, M. Recanati.

—A Câmara Municipal de Roma resolveu dar a uma rua da capital italiana o nome de Cesar Lombroso, célebre criminalista italiano, que pertencia a uma velha familia judaica de Turim.

NOVA-YORK — Roger Straus, filantropo judeu americano fez à Universidade Judaica de Jerusalem o donativo de 10.000 dolars.

OBRA DO RESGATE

Aos 11 de Abril de 1937 foi recebido na Aliança de Abraham, Adácio Vieira Araujo, estudante da Universidade do Pôrto, natural de S. João da Madeira (Beira Litoral), tendo recebido o nome de Joseph Israel.